Dia 29 — São Saturnino, Bispo e Mártir

Martirológio Romano

A vigília de Santo André, apóstolo.

O triunfo dos santos mártires Saturnino o Velho e Sisínio (ou Sisínio), diácono, em Roma, na via Salária; os quais, imperando Maximiano, depois de haver sido mortificados num longo cárcere, por mandato do prefeito da cidade foram estendidos no potro, feridos com paus e escorpiões, tostados com archotes acesos e, por último, baixando-os do potro, foram degolados. (Aconteceu o glorioso martírio destes Santos no ano 304.)

São Saturnino, bispo, em Tolosa de França; o qual, no tempo de Décio, foi apanhado pelos gentios no Capitólio daquela cidade, de onde, arrojando-o desde o mais alto das escadas, lhe esmigalhou a cabeça e lhe saltou o cérebro e, feito em pedaços seu corpo, entregou sua alma ao Criador. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

O martírio de São Paramão e de trezentos e setenta e cinco companheiros, no tempo do imperador Décio e do presidente Aquilino, igualmente (pelos anos de 254, imperando Décio).

São Filomeno, mártir, em Ancira; o qual, na perseguição do imperador Aureliano, por mandato do presidente Félix foi atormentado com o fogo (do qual saiu ileso); depois, cravando-lhe pregos nas mãos e nos pés e, por último, na cabeça, alcançou a coroa do martírio (glorificando a Deus, no ano 275).

Os santos mártires Brás e Demétrio, em Veroli (nos primeiros séculos da Igreja).

Santa Iluminada, virgem, em Todi. (Ao que parece floresceu no século II, não tendo podido conseguir a palma do martírio não obstante seus desejos. Consagrou sua integridade virginal a Jesus Cristo e morreu santamente em Todi, na Itália.)

São Saturnino, Bispo e Mártir

Sempre foi venerado São Saturnino como um dos mais ilustres Mártires da Igreja galicana. Foi associado a São Dionísio Areopagita para a conquista espiritual daquele vasto país, que algum dia havia de ser o escudo da fé, o asilo da virtude e o protetor da autoridade da Igreja. Acompanhou-o até Arles: desde ali passou a Tolosa, onde, tendo achado os ânimos mais dispostos para receber o Evangelho do que os havia encontrado em Carcassona, onde ao princípio havia feito alguma mansão, tardou pouco em juntar um pequeno rebanho que reconheceu por seu pastor a Jesus Cristo. Por esta razão ergueu uma igreja ao lado do Capitólio, na qual pregava a divina palavra, administrava os Sacramentos e oferecia ao Senhor o incruento sacrifício do altar. Logo que lhe pareceu que aquela terna igreja se achava já em estado de manter-se e de acrescentar-se por si mesma, sem ter necessidade de sua presença, determinou levar mais adiante suas conquistas. Deixou em Tolosa São Papoul para que prosseguisse no ministério apostólico, e ele se encaminhou a Pamplona, onde com a eficácia de sua pregação, com a multidão de seus milagres e com a santidade de sua vida converteu quarenta mil pessoas. A santa igreja de Toledo tem por certo que também se estendeu até aquela cidade seu ardente zelo pela salvação das almas. Dois anos se deteve em Pamplona Saturnino, onde operou tantas maravilhas, fez ações tão heroicas que milhares de idólatras abriram os olhos à luz do Evangelho; mas, tendo-se suscitado neste tempo um sedicioso tumulto em Tolosa, em que padeceu glorioso martírio São Papoul, informado Saturnino desta novidade, julgou necessária sua presença naquele povo, para que o rebanho fiel que havia ficado sem pastor não fosse presa dos lobos carniceiros. Partiu, pois, em diligência, levando consigo a serenidade e a alegria, porque com a perseguição dos gentios e com a morte de São Papoul, à guisa de uma espessa nuvem, todo o país estava coberto de turbação, de terror e de tristeza. Logo que viram Saturnino, tomaram todos novo alento; e, tendo à frente um caudilho tão experimentado, não temiam já os insultos de seus inimigos os pagãos. Não se podia ir à igreja dos Cristãos sem passar diante do Capitólio, onde estava o templo dos ídolos; e, como era preciso que Saturnino frequentasse aquele caminho, sua só presença bastou para que emudecessem os demônios que residiam no templo, para que calassem os oráculos e para que desaparecessem de todo os prestígios e as ilusões que se viam nele, sem que ao parecer se mesclasse em nada nosso Santo. Ficaram atônitos os sacerdotes dos ídolos à vista daquele silêncio: examinaram a causa e, depois de muitos discursos, só a puderam atribuir a alguma manobra dos Cristãos. Tendo observado as frequentes viagens que Saturnino fazia diante do Capitólio, depositário de suas mentidas deidades, persuadiram-se de que esta era a verdadeira causa do silêncio de seus deuses, sem considerar que era muita necedade temer a uns deuses tão covardes que eles mesmos temiam à vista dos Cristãos e não respeitar aquele que se fazia tão temível a suas mesmas imaginárias deidades. Isto mesmo lhes punha à vista o desengano para conhecer a vaidade e a ridicularidade de seus ídolos, pois não havia coisa mais natural que este discurso: «O Deus dos Cristãos faz emudecer nossos deuses só com a presença de seus servos; logo é mais poderoso que todos eles. Sem dúvida que aquele Senhor deve ser muito terrível e que as potências infernais que nos têm enganado sabem muito bem que são obras de suas mãos; pois, quando não conheçamos que são vítimas de sua justiça, estamos tocando com as mãos que não podem resistir a seu poder. Para acreditar a superioridade deste, não se contenta com dominá-las por si mesmo, pois as sujeita, as avassala e as encadeia com só a presença dos que o adoram e o servem.» Assim parece que haviam de discorrer naturalmente aqueles infiéis, mas não discorreram assim; antes bem, para reparar a honra de seus deuses, que a seu modo de entender consideravam ultrajada, determinaram sacrificar por vítima ao mesmo Saturnino. Passava o Santo, segundo seu costume,

pelo Capitólio para ir à igreja dos Cristãos; e, aproveitando a ocasião, lançaram-se sobre ele e o conduziram ao mesmo Capitólio. Ao ponto o rodeou uma multidão de idólatras para vingar a afronta de seus ídolos: quiseram obrigá-lo a que lhes oferecesse sacrifício; mas o Santo lhes respondeu com serenidade e não sem graça: «Eu me guardarei bem de adorar nem de temer os que me temem e me respeitam a mim»; acrescentando depois: «Não reconheço mais que um só Deus verdadeiro, ao qual ofereço cada dia sacrifício de louvores. Vossos ídolos (sei-o muito bem) são uns infelizes demônios, aos quais ofereceis vãmente o sangue de animais ou, por melhor dizer, a morte de vossas almas.» Menos era mister para encolerizar aqueles ânimos irritados já com o silêncio de seus deuses. Excitou-se no templo um grande tumulto, e num instante Saturnino se viu coberto de feridas. Um sacerdote dos gentios lhe atravessou a espada pelo corpo: depois o ataram pelos pés à cauda de um touro feroz que por casualidade se havia trazido ao templo para ser sacrificado; e, para irritar mais o enfurecido bruto, o agarrochavam com todo gênero de instrumentos. Tomou carreira com cego furor a ensanguentada fera e, despenhando-se pelos elevados degraus do Capitólio, desde o primeiro deu tão terrível golpe a cabeça de Saturnino que, aberto o crânio e saltando fora os miolos, expirou no mesmo instante; passando desta maneira ao reino de Deus no céu o que tanto havia dilatado o de Jesus Cristo na terra. Prosseguiu o indômito animal arrastando o corpo de nosso Santo; de maneira que por todas as partes ia seguindo o precioso rego de seu sangue e por todas ficavam esparzidas suas entranhas com vários pedaços de seus despedaçados membros. Chegou o touro ao plano que está fora dos arrabaldes; nele rompeu a corda a que estava amarrado o santo corpo, e ali ficou o glorioso cadáver. Consternados os cristãos de Tolosa, não tiveram valor para levantá-lo e dar-lhe sepultura, até que uma animosa mulher teve espírito para tributar-lhe este piedoso dever, desprezando o perigo que a ameaçava. Acompanhada unicamente de uma criada sua, foram ao campo onde jaziam as relíquias do santo corpo abandonadas ao arbítrio dos brutos e das feras; recolheram os membros esparzidos, encerrando-os numa caixa de madeira, e ocultamente os sepultaram num fosso muito profundo para ocultá-los à notícia dos gentios, tirando-lhes a vontade e a ocasião de descobri-los e profaná-los. Com o tempo as preciosíssimas relíquias foram descobertas, e hoje se conservam numa rica urna de ouro e prata que custeou a piedade e a magnificência da cidade de Tolosa.

São Conâncio, Bispo

Deste glorioso Prelado diz Santo Ildefonso que governou a igreja de Palência depois de Murila. Foi varão respeitável por sua gravidade e modéstia exterior e muito mais pelo peso e madureza de seu juízo e sobretudo isto pelas grandes virtudes em que resplandeceu com edificação de suas ovelhas e de todo o reino. Floresceu no tempo de Santo Isidoro; ambos concorreram ao concílio IV de Toledo. Ainda Conâncio sobreviveu a Isidoro, pois assistiu ao concílio VI de Toledo, e consta que dois anos antes havia morrido Isidoro. Foi bispo desde o ano 609 ou o seguinte, em que morreu Viterico, até o de 639 ou o seguinte, em que faleceu Quintila; e assim alcançou os reinados intermédios de Gundemaro, Sisebuto, Suíntila e Sisenando. Foi Conâncio muito sobressalente na eloquência sagrada. Compôs alguns hinos para os ofícios eclesiásticos e outros vários metros e prosas e também a música com que se haviam de cantar, acomodada à letra e ao decoro do templo. Escreveu também um tratado de orações ou sejam sermões adaptados aos Salmos segundo se cantam no ofício.

Não deve confundir-se este santo Bispo com Tonâncio ou Constâncio, digníssimo espanhol e muito versado na santa Escritura, de quem conjetura o Sr. Bayer que foi presbítero ou ao menos monge. O qual, junto com Vital, que também era espanhol, com motivo dos progressos que ia fazendo na Espanha a heresia de Nestório, consultaram por escrito a Capreolo, bispo de Cartago, sobre a fé da Natividade de Cristo verdadeiro Deus e homem. Era isto pelos tempos do concílio Efesino, pelo ano 431. Capreolo lhes escreveu uma carta doutíssima e muito eloquente, assegurando-os e arraigando-os na fé da divindade de Jesus Cristo que ambos confessavam. (Nic. Ant., *Bibl. Vet.*, liv. 5, c. 4; e M. Flórez, t. 5, p. 251.)

Missa (oração)

A missa é em honra de São Saturnino, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Saturnini, martyris tui atque pontificis, concedis natalitia perfrui: ejus nos tribue meritis adjuvari. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que nos concedeis celebrar com alegria o dia em que vosso bem-aventurado mártir e pontífice Saturnino nasceu para nova vida no céu; concedei-nos também os auxílios que vos pedimos por seus merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 12 da do apóstolo São Paulo aos Romanos.

Romanos 12,3-5

> **Latim:** 3 Dico enim per gratiam quæ data est mihi, omnibus qui sunt inter vos, non plus sapere quam oportet sapere, sed sapere ad sobrietatem : et unicuique sicut Deus divisit mensuram fidei. 4 Sicut enim in uno corpore multa membra habemus, omnia autem membra non eumdem actum habent : 5 ita multi unum corpus sumus in Christo, singuli autem alter alterius membra.

Português: 3 Porque pela graça que me foi dada, digo a todos os que estão entre vós: Que não saibão mais do que convem saber, mas que saibão com temperança: e cada hum conforme Deos lhe repartio a medida da fé. 4 Porque da maneira que em hum corpo temos muitos membros, mas

todos os membros não tem huma mesma função: [5] assim ainda que muitos, somos hum só corpo em Christo, e cada hum de nós membros huns dos outros.

Reflexões

A todos, sem exceção, vos advirto que não vos estimeis a vós mesmos mais do que é razão nem vos tenhais em mais do que sois. Para reformar o coração dá princípio o Apóstolo recomendando a humildade. Esta é a um mesmo tempo o fundamento e como a coroa de todas as demais virtudes: a ela devem sua solidez e seu esplendor. A todos, sem exceção, a encomenda. O mais elevado tem necessidade dela para preservar-se do veneno da vaidade. Sempre há perigo de que se vá a cabeça ao que anda por sítios muito altos. É necessária ao homem mais desconhecido para ajudá-lo a levar o peso da humilhação. Nem sempre os mais humilhados costumam ser os mais humildes: sofrendo com humildade os menosprezos, fazes-te digno de louvor, ao mesmo tempo que a vaidade na elevação te faria desprezível. A origem mais comum dos desgostos que se padecem e dos que se causam aos demais no comércio humano é a demasiada mercê que cada um se faz a si mesmo. Daqui nascem aqueles orgulhosos desejos de ser respeitados de todos e aquela delicadeza, aquele ressentimento na menor atenção em que se nos falte; aquelas eternas queixas do pouco que se atende ao imaginário mérito; aquele desprezo com que se trata aos outros e de que estes seguramente sabem vingar-se a seu tempo. Muitas vezes seria um mais feliz só com que se estimasse menos a si mesmo; e, para estimar-se menos a si mesmo, bastava um pouco de conhecimento próprio. Quando não houvesse mais que os perigos a que nos expõe o orgulho, isto só devia bastar para humilhar-nos. Assim como um homem que trepa por uma montanha, quanto mais se vai aproximando do cume mais se desvia da falda, mas nem por isso está menos exposto ao precipício, antes bem tudo o que vai ganhando de elevação vai acrescentando de força à queda; assim, nem mais nem menos, é mais funesto o despenho dos que estão ou se presumem mais erguidos. Por isso os maiores Santos, longe de considerar-se mais seguros que os homens de uma mediana virtude, viveram sempre com mais medo de cair, por ser maior o perigo em quem está mais elevado. Para cortar os movimentos do orgulho ou da inveja, consideremo-nos todos como membros de um mesmo corpo, obrigados a trabalhar uns pelos outros. Em olhando com os olhos da fé os postos mais elevados, os empregos mais abatidos, é certo que entre estes e aqueles se acha bem pouca diferença. Nos empregos lustrosos servem de lastro os perigos que os acompanham; e nos humildes ou nos inferiores se compensa a obscuridade com a quietude e com o consolo de que está menos arriscada a salvação. Aspiras a um posto elevado? Pois nele se fará mais visível tua insuficiência e se dará menos quartel a teus defeitos. Os grandes empregos muitas vezes, se não são as mais, só servem para que se conheçam os talentos que faltam e não os que se têm.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus.

Mateus 10,34-42

> **Latim:** 34 Nolite arbitrari quia pacem venerim mittere in terram : non veni pacem mittere, sed gladium : 35 veni enim separare hominem adversus patrem suum, et filiam adversus matrem suam, et nurum adversus socrum suam : 36 et inimici hominis, domestici ejus. 37 Qui amat patrem aut matrem plus quam me, non est me dignus : et qui amat filium aut filiam super me, non est me dignus. 38 Et qui non accipit crucem suam, et sequitur me, non est me dignus. 39 Qui invenit animam suam, perdet illam : et qui perdiderit animam suam propter me, inveniet eam. 40 Qui recipit vos, me recipit : et qui me recipit, recipit eum qui me misit. 41 Qui recipit prophetam in nomine prophetæ, mercedem prophetæ accipiet : et qui recipit justum in nomine justi, mercedem justi accipiet. 42 Et quicumque potum dederit uni ex minimis istis calicem aquæ frigidæ tantum in nomine discipuli : amen dico vobis, non perdet mercedem suam.

Português: 34 Não julgueis que vim trazer paz á terra : não vim trazer-lhe paz mas espada : 35 porque vim a separar ao homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra: 36 e os inimigos do homem serão os seus mesmos domesticos. 37 O que ama o pai, ou a mãe mais do que a mim, não he digno de mim: e o que ama o filho, ou a filha mais do que a mim, não he digno de mim. 38 E o que não toma a sua cruz, e não me segue, não he digno de mim. 39 O que acha a sua alma, perdel-la-ha: e o que perder a sua alma por mim, achalla-ha. 40 O que a vós vos recebe, a mim me recebe: e o que a mim me recebe, recebe aquelle que me enviou. 41 O que recebe hum profeta na qualidade de profeta, receberá a recompensa de profeta: e o que recebe hum justo na qualidade de justo, receberá a recompensa de justo. 42 E todo o que der a beber a hum d’aquelles pequeninos hum copo d’água fria só pela razão de ser meu discípulo: na verdade vos digo, que não perderá a sua recompensa.

Meditação

Dos motivos particulares para uma conversão pronta e efetiva

Primeiro ponto

Considera que o desejo de converter-se, pelo comum, só é novo motivo de condenação quando não está acompanhado de uma conversão efetiva e atual. Enquanto não se passa do desejo de converter-se, não se converte. «Conheço que tenho absoluta necessidade de converter-me: minhas máximas, minha vida, minha consciência, tudo me está gritando que me é necessária a conversão, que me é indispensável a reforma. As desordens de minha juventude, os excessos da idade mais avançada, os hábitos viciosos, os inveterados costumes, as más confissões, as frequentes recaídas,

tudo isto me faz visível que é urgentíssima a necessidade de converter-me. Não quisera morrer sem havê-lo feito. Muitas vezes o tenho pensado fazer: pois por que não o faço? Temo acaso que seja demasiadamente cedo se o faço desde logo? Posso fazer coisa melhor? E por cedo que o faça, não será já demasiadamente tarde? Arrepender-me-ei jamais de havê-lo feito? Poderei fazê-lo nunca com mais facilidade que agora? Quanto mais o dilate, mais me custará; maiores dificuldades terei que vencer. Multiplicar-se-ão os laços e será mais dificultoso rompê-los. Se o faço hoje, que gozo terei amanhã, depois de amanhã! Que consolo toda a minha vida! Com que gosto me lembrarei deste afortunado dia! Ah, que talvez será este dia o único que terei já para converter-me: talvez será o dia de minha salvação! Em minha mão está que o seja. Pois em que me detenho? Em que duvido? Se este dia não é o de minha salvação, quem me pode assegurar que o será outro? Quem me pode assegurar que não seja o de minha reprovação, o de minha condenação eterna?» Oh! Se aquelas almas condenadas às eternas chamas; se aquele parente, se aquele amigo, se aquela pessoa conhecida minha que se condenou, e se condenou por haver dilatado, como eu, sua conversão; se aquelas almas que gemem, que ardem, que rabiam, que se desesperam depois de sua morte nos infernos lograssem a fortuna que eu logro; se voltassem a este mundo; se tivessem os dias de vida que eu tenho; se todavia se pudessem converter neste dia, dilatariam sua conversão para amanhã? E será possível que eu mesmo a dilate depois destas reflexões!

Segundo ponto

Considera que para converter-nos temos no presente uns meios que talvez jamais voltaremos a ter. Para a conversão é preciso ter tempo, graça e vontade de fazê-la. Agora tenho este tempo, tenho saúde, tenho esta graça, pois Deus ma está oferecendo. Estas inspirações que me dá; estas mesmas reflexões que estou lendo; estas mesmas verdades que estou meditando: tudo isto de alguma maneira me promete aquela graça. Só, pois, me falta a vontade, a sincera vontade. E bem; pois por que não a terei? Necessita-se de um confessor, de um diretor sábio, prudente e zeloso para converter-se? Não há coisa mais fácil que tê-lo agora. Olha quantos meios juntos se te proporcionam no presente que talvez nunca voltarás a lograr! Quantas circunstâncias favoráveis que não concorrerão talvez em algum outro dia! Tudo conspira agora para que me converta; só eu me resisto a minha conversão. A prosperidade e a desgraça, a saúde e a falta dela, as honras e os desprezos, todos conduzem igualmente a que me converta: todos são poderosos motivos para que me determine a fazê-lo. O Senhor me cumula de bens, e eu hei de prosseguir em ofendê-lo! O Senhor me castiga, e eu hei de continuar em irritá-lo! Tenho saúde; pois não há tempo mais oportuno para trabalhar no negócio importante de minha eterna salvação. Estou achacoso: pois quê, hei de aguardar a morte para fazer penitência? Vejo-me cumulado de honras; e quererei perseverar no pecado para granjear-me algum dia uma eterna confusão! Sou desprezado de todo o mundo; bem está, seja eu santo e está feita minha fortuna. Bom Deus! De que nos serve ser cristãos, ter entendimento, ser homens de razão, se não discorremos assim? Mas, se discorremos assim, como dilatamos um só momento uma conversão que já devia estar feita?

Ah, Senhor! Não permitais que de nada me sirvam estas reflexões. Conheço, vejo, palpo a indispensável necessidade que tenho de converter-me, de reformar inteiramente minha vida; Vós

me inspirais este desejo; Vós me solicitais; Vós me convidais; Vós me apertais hoje para que o faça. E resistirei ainda a vossa graça! E não me dará a vontade de fazê-lo! E não estarei desse parecer! Não, meu Deus, resolvido estou e assim o declaro. Quero eficazmente converter-me desde este mesmo ponto: dignai-vos outorgar-me esta graça.

Jaculatórias

Desde este momento começo, Senhor, a empreender uma nova vida: reconheço a mão do Altíssimo na mudança que experimento. (Sl 76.)

Convertei-me Vós, meu Deus, e eu me converterei. (Jr 31.)

Propósitos

1. Todos convêm em que têm necessidade de converter-se: ninguém quisera morrer sem haver-se convertido; e com tudo isso poucos são os que se convertem. Compreende, se podes, este paradoxo; mas considera também se cabe maior loucura, se é possível mais insigne necedade. Pois não queiras dar com teu proceder uma nova prova desta insensatez. Cem vezes tens dito que querias converter-te e até agora não chegou o caso de tua conversão: não a dilates mais. Por virtuoso que alguém seja, sempre tem necessidade de conversão e de reforma. Se és pecador, começa desde logo a converter-te: vai à igreja ou ao menos encerra-te em teu oratório e ali aos pés do altar ou de teu Crucifixo detesta tua vida passada e dá princípio, se podes, a tua confissão desde este mesmo dia. Pelo menos vai logo buscar um santo, sábio e prudente confessor: declara-lhe tua resolução de fazer uma dolorosa confissão geral, para que este passo seja ao mesmo tempo prova e como empenho de tua conversão. Não o dilates para outro dia. Em negócio de tanta importância, toda dilação é perigosa. Empenha depois a santíssima Virgem, poderosa advogada dos pecadores, o Anjo de tua guarda e os Santos de tua devoção, rezando-lhes alguma coisa, para que por sua intercessão te ajudem e promovam esta grande obra.

2. Por ajustada que seja tua vida, todavia não deixará de ter necessidade de alguma reforma: dá princípio a ela desde logo. Examina seriamente diante de Deus tudo o defeituoso e repreensível que se acha em ti, a tibieza e até a negligência no cumprimento de tuas obrigações, nos exercícios espirituais, em tuas devoções e boas obras. Apenas acharás uma em que não tenhas algo que reformar, que corrigir e que aperfeiçoar. Aponta aquelas coisas que o necessitam e põe desde hoje mãos à obra. Oh, e que ditoso será este dia para ti se for o dia de tua perfeita conversão!

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:17 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:17 by Admin